



Mapeamento histórico dos profissionais da imprensa de Juazeiro-Ba (1901-1999)¹

Andréa Cristiana SANTOS²

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro-BA

RESUMO

Este artigo tem como finalidade fazer um mapeamento da imprensa da cidade de Juazeiro (BA) no período de 1901 a 1999, com a finalidade de identificar a trajetória dos profissionais, dos veículos e documentar aspectos da cultura e dos modos de produção do fazer jornalístico.. A pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa se baseou na metodologia da História da Imprensa, da História Oral e da catalogação dos jornais e programas de rádio em acervos públicos e particulares. A partir desta catalogação, foi possível construir um banco de dados sobre a imprensa na região, no qual é possível ter acesso aos materiais referentes aos meios de comunicação, e mapear os tipos de imprensa existente e a trajetória de profissionais da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: história da imprensa; evolução tecnológica; atuação profissional; rádio; jornais.

Os estudos de história da imprensa no Brasil têm crescido progressivamente, contudo, em cidades do interior do país, ainda persistem muitas dificuldades para localizar acervos com a fonte jornal e outros suportes midiáticos, que possam trazer informações consistentes e promovam a disseminação do conhecimento científico e histórico.

Diante da necessidade de se obter conhecimentos sobre a atuação da imprensa no âmbito regional e compreender os processos comunicativos, este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa Tempo, Memória & História dos Profissionais da Imprensa no Pólo Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe (1901-1999). A pesquisa foi criada com a finalidade de fazer um mapeamento para identificar os profissionais da imprensa do pólo Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), visando compor um acervo com jornais, imagens

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Professora e Mestre em História Social do Curso de Comunicação Social Jornalismo em Múltiplos Meios, da UNEB-Ba. email: andcsantos@uneb.br. Este texto tem a colaboração dos bolsistas Fapesb Adzamara Rejane Amaral e Wllyssys Wolfgang, no período de junho de 2009 a junho de 2010.



fotográficas, depoimentos orais, entre outros. Também pretende documentar aspectos da cultura e dos modos de produção do fazer jornalístico.

Neste artigo, analisamos a imprensa na cidade de Juazeiro-Ba, a 500 Km da capital Salvador-Ba. A cidade foi um importante pólo comercial no início do século XX, dando passagem para mercadorias e pessoas que se dirigiam ao norte do país. A cidade Petrolina (PE) é circunvizinha e também se constituiu em um relevante centro comercial. Nessas duas cidades, proliferou desde o início do século XX uma imprensa artesanal, que fez circular informações e promoveu a sociabilidade. No decorrer dos anos, ambas as cidades conheceram os meios de radiodifusão e de televisão.

Para subsidiar a pesquisa, utilizou-se a metodologia pertinente ao campo da história da imprensa a partir do referencial dos autores Marialva Barbosa e Marcos Morel (2005) e Tânia Regina de Luca (2005). Barbosa&Morel recomendam que a pesquisa deve ter uma abordagem quantitativa com levantamento sistemático sobre os veículos de comunicação existentes, incluindo, na primeira etapa, um inventário com a identificação dos títulos, imagens, editorias, publicidade, número de páginas; nome dos profissionais; e a tipificação das mensagens conforme o conteúdo; possíveis leitores, distribuição e venda, no caso dos impressos. Esse inventário é imprescindível devido a não existir acervos e o material ficar disperso, exigindo do pesquisador que ele também seja um organizador desse material. Após essa etapa, será possível fazer a abordagem qualitativa a partir da análise de conteúdo.

Tânia Regina de Luca (2005) considera que, na análise qualitativa de jornais, é necessário investigar as motivações que levaram os meios a dar publicidade a algum acontecimento; atentar para o destaque conferido; as mensagens e os discursos; a linha editorial; verificar os colaboradores mais frequentes e os textos programáticos; bem como inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros. Para a pesquisadora, requer-se ainda uma análise circunstanciada do lugar de inserção do periódico, relacionando-o ao contexto histórico, social e cultural.

Para viabilizar o processo metodológico, no primeiro momento foi feito um levantamento de cada jornal, edição de rádio encontrada, embora o material radiofônico seja mais raro, e foram realizadas visitas a redação de televisão local para catalogar quem foi profissional e a função que exercia. Para demonstrar as dificuldades dessa catalogação, é relevante registrar que muitas vezes o acervo radiofônico e televisivo se encontra inacessível por questão de inviabilidade técnica. Nos impressos, foi conferido



o expediente de cada edição e o conteúdo das mensagens. Também se recorreu a fonte oral para saber informações sobre os comunicadores.

Este trabalho resultou na identificação de 141 nomes de profissionais e/ou colaboradores da imprensa na cidade de Juazeiro, no período de 1901 a 1999³, exercendo funções como tipógrafo, redator, repórter, locutor. Não houve registro de profissionais da parte técnica, como cinegrafistas. Desse total, 107 profissionais atuaram no impresso; 21 na televisão; 13 no rádio; seis no sistema de alto-falante.

No segundo momento, foi feita a análise de conteúdo de algumas edições de jornais. A base de coleta de dados se valeu ainda da leitura de livros de memorialistas, pois são os únicos que documentam a trajetória de alguns veículos e comunicadores. Para sistematizar esse recorte metodológico, este artigo priorizou a técnica de mapeamento que ajudar a dar sentido e representar os dados coletados na pesquisa. Maria Salette Biembegut (2011) recomenda ao pesquisador “identificar a estrutura e os traços dos entes pesquisados, julgar sobre o que é relevante e respectivo grau de relevância e organizar os dados de forma a delinear um mapa”.

Sendo assim, este artigo apresenta subsídios para compor uma mapeamento sobre a imprensa da região, em que se localize por períodos e contextos específicos um modo de fazer jornalismo na cidade, seja no impresso, sistema de alto-falante, rádio e televisão.

1. A imprensa na cidade de Juazeiro-Ba

Os estudos da história da imprensa têm como marco o pioneiro livro de Muniz Sodré (1999), no qual demarca a transição da imprensa artesanal, com os combativos pasquins, para a grande imprensa do século XX. Essa transição é estruturada na lógica capitalista, no qual o jornal é um produto-notícia, um empreendimento de uma sociedade capitalista, preocupado com periodicidade, regularidade, infra-estrutura econômica, lucro e com a tentativa de distinguir fato da opinião. Para que ocorresse essa transição, fatores como a consolidação do sistema capitalista, mudanças tecnológicas com o surgimento de novos artefatos culturais e de uma cultura

³ No total, a pesquisa documentou até o momento 215 profissionais atuando nas cidades de Juazeiro e Petrolina.



profissional formam e conformam os novos media, desde o impresso aos suportes audiovisuais.

Na Bahia, os primeiros impressos seguiram a estrutura de imprensa régia, com a publicação da gazeta *Idade D´Ouro do Brazil* (1811-1823). Este jornal tinha estilo semelhante ao *Gazzeta do Rio de Janeiro*, criado em 1808 por Dom João VI, destinado a publicar atos administrativos. Tanto a *Gazzeta do Rio de Janeiro* como o *Idade de Ouro do Brazil* serão uma imprensa oficial, assujeitada aos ditames dos governos e a ideologia dominante. A gazeta foi produzida até as vésperas da independência do país, quando jornalistas abnegados passam a exigir liberdade de imprensa.

Neste momento de emancipação política, como afirma Muniz Sodré (1999), a luta pela independência também é a batalha pela liberdade de imprensa. Estes jornais artesanais, compostos por um só artigo, feito por um homem só, surgem na esfera pública exigindo liberdade de circulação de informação e a própria independência do país, Com a independência do país, novos jornais circulam no espaço público e mudanças também irão se processar nos modos de produção. De imprensa artesanal, publicada pelo empenho pessoal do seu redator, passa a se constituir em um empreendimento burguês, com divisão de trabalho e hierarquização de funções. No final do século XIX, surgem jornais no interior da Bahia, como o hebdomadário *Independente Constitucional* (1823), na Vila Nossa Senhora do Porto da Cachoeira; o *Eco da Religião* e *A Pátria*, em Itaparica; *O Legalista*, *Dom Pedro II* e a *Constituição*, em Cachoeira; *O Regenerador* em Nazaré; em 1861; entre outros. Na capital, em 1912, nascia o *A Tarde*, jornal baiano com maior longevidade. Outros desapareciam, devido a mudanças sociais que se processavam no fazer jornalístico e na própria dinâmica da vida social.

Em Juazeiro, situado ao norte da capital baiana, o nascimento da imprensa ocorreu com a compra da primeira tipografia pelo comerciante Raimundo de Azevedo, em 1885, que desejava imprimir *A Cidade de Juazeiro*, e confiou a responsabilidade pela edição do jornal ao tipógrafo Clóvis de Oliveira Mudo.

Em 1895, Clóvis lançou *O Sertanejo*, cuja redação era do professor Atanázio Aquino Nazareno. A publicação do jornal foi duramente criticada por Azevedo, que mandou queimar os exemplares e demitiu Clóvis de Oliveira. Como afirma João Fernandes Cunha, “Clóvis perdeu o emprego, mas foi projetado como pioneiro da imprensa de jornal na região” (CUNHA, 1978, p.137). Este episódio gera controvérsia em torno da



memória do primeiro jornal a circular na cidade. Para o memorialista Walter de Castro Dourado, *A Cidade de Juazeiro*, editado em 1º de maio de 1896, seria o primeiro impresso a circular na região, pois teve maior periodicidade e circulou durante um ano. Já *O Sertanejo* teria sido distribuído para um círculo restrito de pessoas com acesso à tipografia (apud DIAS, 1982, p.40 - 41).

Disputas baseadas na inter-relação político-financeira permaneceram ao longo da história da imprensa juazeirense. Os primeiros comunicadores eram, em geral, médicos, poetas, professores, políticos e comerciantes. De 1901 a 1919, circularam periódicos como *A Pérola* e *A Crisálida*, ambos de vida efêmera, e *O Correio do São Francisco* (1901-1919), editado por Jesuíno Inácio da Silva, irmão do provedor da Santa Casa da Misericórdia, José Inácio da Silva, também redator. O jornal trazia artigos, notícias, notas oficiais e informes de serviços públicos, como datas e horários de viagem da Viação Baiana do São Francisco, além de anúncios publicitários. Abordava informações sobre melhorias na saúde e técnicas agrícolas apropriadas ao cultivo na região (CASTRO, SÀ e SANTOS, 2006). Um dos artigos publicados neste periódico publicizava os benefícios da assistência médica e repudiava o trabalho das parteiras, considerado uma prática nociva às parturientes⁴. Identifica-se, assim, a lógica do poder econômico, já que quem escrevia era o médico José Inácio da Silva, provedor da Santa Casa da Misericórdia, e defensor do atendimento médico hospitalar.

A notícia também evidencia as mudanças sociais que começavam a chegar a cidade, pois a crença no conhecimento científico fazia parte do imaginário do início do século XX. Notícias como o plantio irrigado se anunciavam no jornal e as enchentes na vazante do rio também eram denunciadas, numa prelação para defender a modernização e melhores condições urbanísticas.

O fato é que a cidade se modificava e a imprensa também compunha parte dessas mudanças sociais, impulsionando-as e também sendo reflexo das transformações. Nas primeiras décadas do século XX, Juazeiro abrigava lojas comerciais, companhias exportadoras de produtos como cera de carnaúba, mamona, óleo, extraídos de ponta a outra do médio do São Francisco, exportados para outras regiões do país. O comércio de couros e peles tomava impulso, realizando-se a exportação do produto de Juazeiro

⁴ Atualmente, as únicas edições deste jornal se encontram em avançado estado de deterioração no acervo do Clube Comercial da cidade, sendo impossível a sua digitalização.



diretamente para o exterior, através da Delegação do Tesouro do Estado, que mantinha um despachante autorizado a realizar a operação.

Neste contexto, um meio de comunicação impresso passava a ser necessário para segmentos locais que detinham poder econômico e desejavam viabilizar a circulação de ideias e concepções políticas sobre a nova sociedade. Reflexo dessas transformações é a consolidação do patrimônio imaterial e material como o Clube Comercial de Juazeiro, onde se abrigavam os comerciantes e filhos da terra para ler o “*Le Petit Journal*”, jornais de circulação nacional e os livros doados por filhos da terra que se encontravam na capital.

2 A imprensa no centro das disputas políticas

Pode-se identificar a relevância da imprensa a partir da metade da década de 1920, quando surgem três jornais de posição política diferenciada: *O Eco*, que circulou de 1926 a 1949, sob a direção do jornalista Aprígio dos Santos Araújo; *A Luta*, de propriedade de Joaquim Matos Quinaud, circulou de 1928 a 1933; e *O Trabalho* (1931), vinculado à Associação Beneficente dos Artífices de Juazeiro, e editado por Saul Rosas, militante, à época, do Partido Comunista do Brasil (PCB) e Augustinho Muniz. O periódico divulgava informação de interesses dos trabalhadores.

Entre os três jornais, a única edição encontrada foi a *O Trabalho*. Contudo, o *Eco* e *A Luta* são mencionados em livros de memorialistas pelas disputas políticas ocorridas durante o movimento tenentista de 1930, que levou ao poder Getúlio Vargas. Durante a revolução de 30, o *Eco* combateu a revolta tenentista que, entre outras bandeiras, combatia o coronelismo. Ele não foi o único. Na Bahia, *A Tarde*, de Ernesto Simões Filho, e *Diário de Notícias*, à frente da redação Altamirando Requião, também se comportaram como fiéis defensores das forças conservadoras baianas. Já o *Diário da Bahia* vai apoiar os tenentes, influenciado pelas posições políticas assumidas pelo ex-governador J.J.Seabra (SANTOS, 1985, p 113-114). E em Juazeiro, *A Luta*, à frente seu redator João Leal, também defenderá o movimento tenentista.

Esse alinhamento político seria comum diante de um acontecimento que também dividiu a sociedade à época. Contudo, em terras sanfranciscanas, resultou em atentado à liberdade de imprensa. Com a assunção de Getúlio Vargas à presidência do país,



Aprígio dos Santos Araújo recebeu uma intimação com a finalidade de obter esclarecimento sobre sua defesa ao governo anterior. Segundo Duarte (1985, p. 79), Aprígio foi Secretário da Prefeitura de Juazeiro por algum tempo, porém, nas palavras do memorialista, fez um jornalismo independente e não houve administrador da época ileso à sua pena contundente.

Aprígio levou as edições do jornal para o interventor cel. João Costa, e foi liberado de sanções. Porém, o sargento Severino Rodrigues denunciou Aprígio, após o jornalista publicar a sátira “Pontas de Fogo – O Berro do Capitão”, que fazia referência a sua pessoa. Dias depois, Aprígio sofre um atentado à bala em praça pública, provocado pelo sargento, mas não faleceu (CASTRO, SÁ & SANTOS, 2005).

Já com o jornalista de *A Luta* a situação seria diferente. Desde 1928, *A Luta* era crítico contumaz ao poder constituído e ao abuso de autoridade. Partidário da Aliança Liberal, João Leal iniciou uma campanha contra a administração de Miguel Siqueira e será representante do movimento tenentista na cidade. Irmão do prefeito, o cel Suetônio Siqueira Camucé incentivou o sobrinho Amarílio Siqueira a humilhar o jornalista em praça pública, que esbofeteou o professor e deu golpes de coronhada de mosquetão (arma de cano curto utilizada pela artilharia e pela cavalaria) em sua cabeça. João Leal morre, sendo vítima do primeiro atentado a um profissional da imprensa juazeirense.

2. Homens de Imprensa: José Assis

A partir dos anos 1930, são publicados vários jornais de autoria do tipógrafo José Assis, mais conhecido como Seu Zezito. De 1935 até 1969, ele publicou *O Astro*; *A Marrêta*, *O Banjo*, *Esporte*; *Jacuba*, *Itiubense*, *Sertão*. Tipógrafo, ele pode ser categorizado como o primeiro juazeirense, homem de imprensa, a se dedicar inteiramente ao ofício. Analisando a produção desse tipógrafo e jornalista, pode-se identificar aspectos da evolução dos periódicos desde a linguagem, diagramação e princípios do exercício da profissão. Se adotarmos um princípio cronológico, a partir dos jornais encontrados, as suas primeiras incursões com o impresso datam do ano de 1935, quando publica *O Banjo*, no período momesco para divulgar as marchinhas carnavalescas e as disputas entre os clubes.



Já *A Marrêta*, publicada nos anos de 1935 e 1936, demonstra a verve do jornalista pasquineiro, que adota o humor, a pilheria como instrumento de comunicação. Traz ilustração e um conjunto de mensagens anedóticas que fazem associações com personagens da cidade. Mas a riqueza do pequeno pasquim é o universo da história cultural da cidade, com referência às festas carnavalescas e também a cultura popular, com menção, inclusive, a cultura africana. Esse jornal merece um estudo detalhado e pormenorizado devido ao formato e a linguagem satírica e pelo humor, bem como a referência ao contexto histórico.

Na década de 1940, o tipógrafo edita mais dois jornais com linhas editoriais distintas *O Sertão* e *O Esporte*. *O Sertão* é editado a partir de 1947, sendo intitulado como órgão noticioso, e traz indício de que o tipógrafo tinha conhecimento das normas de jornalismo informativo. O periódico traz notícias locais, notas de acontecimentos ocorridos em cidades como Bom Jesus da Lapa, Petrolina e de outros estados como Rio de Janeiro, e proveniente de agências, como Londres e dos Estados Unidos (geralmente denúncias contra o partido comunista da União Soviética). Existem ainda notas de pessoas que retornam de viagens, falecimento, esporte, abandono dos prédios públicos, destruição do patrimônio material, fundação do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e a chegada de estabelecimentos de créditos na cidade.

Na mesma década, entre os anos de 1946 e 1947, foi editado o *Esporte*, intitulado Jornal Oficial do Esporte Juazeirense, da Liga Desportiva Juazeirense. Na edição número 26, de 1946, o periódico apresenta ilustração e traz indícios de como o jornalista entendia reportagem. Na nota jornalística “Estará ocorrendo mesmo Bicho?”, o redator relata ao leitor que estava na redação do jornal quando dois amigos conversavam sobre os times locais e um afirmou que o Clube Veneza teria tentado comprar o jogador Inácio, por 500 cruzeiros. O redator afirma: “para nós foi uma surpresa, e também uma reportagem sem mesmos sairmos de casa”. Ao final da nota, diz: “discutiram muito, mas não acreditamos em nenhum dos dois”.

Essa é uma pequena nota publicada no canto do jornal, ao lado da cobertura do treino do Veneza e Bonfinense. Ela nos traz pistas de que o repórter faz questão de divulgar o fato interessante, o que traz repercussão, gera boato, mas tem ciência que é apenas conversa de dois adversários, uma pilhéria. Ele não acredita no que dizem.

Sendo assim, ao analisar os demais textos, identifica-se que o redator compreendia o fazer reportagem a partir do trabalho de coleta do repórter que sai às ruas em busca de



acontecimentos, recolhe informações a partir do que testemunha e, posteriormente, narra ao leitor. Isso se pode apreender de dois textos dessa mesma edição. Um deles é o relato do treino dos dois principais adversários, em que o redator usa uma linguagem impessoal, com os verbos *discendi* usados no passado e relata o desempenho dos principais jogadores. Já o texto “Ganhar ou Perder: situação decisiva dos Clubes” é assinado como “reportagem de Antônio Carlos Ribeiro, especial para o Esporte”. E os critérios de edição do texto vão privilegiar a análise do desempenho dos times da Liga Desportiva de Juazeiro.

Em todos os textos, uma característica da linguagem jornalística está presente, o repórter é o narrador em terceira pessoa, o que testemunha, porém não dá voz ao entrevistado. Não se vê o uso judicioso das aspas para marcar a citação da fonte. Somente a partir dos anos 1950, com a introdução dos manuais de jornalismo por Dalton Jobim, os jornais brasileiros irão incorporar as técnicas modernas de redação como *lead* e uso das aspas.

Mas também já se pode ver no periódico o uso de clichês com fotografias dos jogadores, ilustração e uma charge na primeira página, acompanhado de um pequeno texto anedótico sobre as disputas entre dois times. Mesmo sendo um jornal com a temática esportiva, o redator não se isentava de deixar sua marca pessoal, ao trazer uma poesia de cordel, com o pseudônimo de Mister Graig, no qual fala das disputas.

A produção deste tipógrafo traz aspectos interessantes para abordar parte da evolução da imprensa. É pena que ainda sejam poucos os jornais encontrados, mas é possível ter um parâmetro para comprovar a sua produção a partir da edição do jornal *Esporte* em épocas distintas. Em 11 de fevereiro de 1969, mais uma edição do *Esporte* circula pelas ruas de Juazeiro, agora em segunda fase. José Assis não está mais sozinho. No expediente, apresenta os redatores Pires de Carvalho, Aloisio Viana e Joao Adaiz Souza.

As notícias nos chegam também da vizinha Petrolina, com uma coluna sobre o esporte local. A diagramação evoluiu para demarcar melhor o espaço dedicado as notas. Também é feita uma cobertura carnavalesca sobre os clubes da cidade, motivado pela importância da notícia, pois os clubes tinham uma importância cultural, como pelo envolvimento do tipógrafo com as festas carnavalescas. Mais uma demonstração de que o proprietário-redator continuava com a mesma vocação para noticiar assuntos de interesse público e pessoal, pois era um músico e amante do carnaval. Já em relação ao



texto de reportagem, não há alterações, preserva o modo narrativo em terceira pessoa, mas ainda não se observa a fonte entrevistada nem o uso de aspas.

Por fim, o jornal demonstra ainda aspectos da ideologia do homem de imprensa. Ao trazer a notícia na última página de que recebera denúncias de que jogadores da vizinha Petrolina jogaram de forma irregular, o redator declara: “Nosso jornal estará a serviço de um esporte sério, sadio, nunca de esporte de brincadeira”.

Além dos jornais de José Assis, existiram outros periódicos como “*O Juazeiro*”, que circulou de 1903 até os anos de 1950, de propriedade dos primos alagoanos Olegário de Assis, Eugênio Lins e Dermeval Ferreira Lima. O jornal veiculou notícias locais e internacionais, além de trazer anúncios publicitários do comércio e editais da prefeitura municipal.

3. A modernização dos impressos

Na década de 50, surgem jornais como *Tribuna do Povo*, que recebeu a colaboração de José Assis no início. A partir da década de 70, eles passam por um processo de modernização técnica. O *Jornal de Juazeiro*, fundado em 1973, pelo médico Paganini Mota Nobre, foi um dos primeiros a utilizar off-set, e funciona diariamente, sendo editado hoje com o nome *Diário da Região*. Ao longo dos anos, este jornal privilegiou a notícia política e fatos sobre a região, como datas comemorativas, visitas do presidente José Sarney e a cobertura da morte de Tancredo Neves, em 1985.

Esses jornais vão registrar a presença de colunistas mulheres como a professora Layse Luna, que será redatora e chefe de Reportagem do *Rivale*, e a historiadora Maria Isabel Figueiredo, memorialista, historiadora que vai escrever sobre a história e a cultura da cidade no *Jornal de Juazeiro*.

É a partir da publicação destes jornais que a imprensa juazeirense irá marcar a transição entre uma pequena imprensa, feita por um tipógrafo, um homem só, na concepção de Nelson Werneck, para a grande imprensa, com a presença de um corpo editorial mais diversificado, presença de editoriais com assuntos diversos, periodicidade regular e publicidade.

Haverá neste percurso experiências de outros impressos, como o *Caminhar Juntos*, folheto surgido no ano de 1976 e publicado pela Diocese de Juazeiro ao longo dos anos de 1980. Este impresso vai divulgar notícias sobre temáticas sociais, principalmente o



impacto da construção da Barragem de Sobradinho na região do Vale do São Francisco e as ações do trabalho das comunidades eclesiais de base.

O outro com característica bastante peculiar será *O Berro D'Água*, o primeiro jornal a ser assinado por um profissional por formação, Marcelino Ribeiro, formado pela Universidade Federal da Bahia. Junto com amigos também com formação acadêmica em áreas diversas, eles fundam o periódico, que adota uma linha editorial crítica e apresenta um jornalismo mais interpretativo, e não simplesmente informativo.

O formato de tablóide, a linguagem humorística, as charges, as ilustrações e o conteúdo político contestatório o fazem adquirir características de jornal alternativo em relação aos periódicos existentes na cidade, mais conservador no formato e na linguagem. Relacionado à sustentabilidade financeira, eles se constituíram como cooperativa e tinham publicidade. O jornal se destaca, principalmente, pela abordagem de entrevistas ping-pongs com professores, intelectuais e personagens da política juazeirense, constituindo-se um precioso acervo sobre a memória da cidade.

A análise posterior do conteúdo destes jornais poderá fornecer dados analíticos e descritivos imprescindíveis para que se compreenda a natureza dos periódicos impressos na cidade.

4. Do Alto-Falante ao sistema de radiodifusão

Além dos impressos, torna-se relevante destacar a presença do alto-falantes como os precursores do sistema de radiodifusão. A partir da década de 40, foram instalados quatro megafones (chamados bocas) em espaços distintos da cidade, que dariam origem as empresas *Alto-Falante Guarani e Alto-Falante Cultural*. À época, o som do alto-falante soava natural aos ouvidos da maior parte da comunidade que se acostumara a manter-se informada, ouvindo a programação, e fora atraída pelos shows de calouros para crianças e adultos que aconteciam nas praças públicas, divulgados pelo sistema de comunicação.

Os primeiros comunicadores a atuar nesse sistema foram Eurípedes Lima (Seu Galo) e Gil Brás. A trajetória desses dois comunicadores trazem indícios da modernização da cidade e da implantação da indústria fonográfica no país e no interior da país.

Eurípedes Lima atuou no sistema de Alto-falante Cultural, da Rua do Paraíso onde apresentava o programa “*O Que o Povo Precisa Saber*”, no qual eram veiculadas as reclamações da população. Em entrevista com a viúva Dona Ananda Lima, ela conta



que o comunicador era uma pessoa que gostava de compor músicas, principalmente as marchinhas de carnavais. Ele atuou como compositor, músico e comunicador dos programas A Hora da Criança, Bolas Brancas e Bolas Pretas, Fatos e Notícias da Companhia de Navegação do São Francisco e Nordeste Pra Frente.

Já Alício Figueiredo Gil Brás pode ser considerado, além de um comunicador, um empresário da comunicação, pois ele conseguiu agenciar a chegada de artistas nacionais como Ângela Maria e Nelson Gonçalves para se apresentar no Cine Teatro São Francisco. Gil Brás foi locutor e dirigiu o *Serviço de Alto-Falante Marabá*, implantado pelo então deputado federal Aziz Maron. Braz pertenceu a uma escola de locutores de Alagoinhas – BA, que contava com a participação de outros profissionais como Antonio Vergaço, Jaime Dantas, Deusdedith Martins e Jorge Gomes.

O alto-falante influenciou a formação de comunicadores como Herbert Mouze, hoje com 50 anos de profissão. O radialista Herbert Mouse nasceu em Juazeiro em 8 de Outubro de 1937, e teve seu primeiro contato com a comunicação no Serviço de Alto-Falante Cultural, em 1950, com o tio Euripedes Lima. Ele conta que lia as cartas dos ouvintes e começou a destacar apenas o que seria mais noticiável, dessa forma aprendeu, de forma intuitiva, a selecionar o que seria notícia. Herbert Mouze atuou, além do rádio, nos impressos *Diário da Região*, onde hoje tem coluna esportiva; *Tribuna do Povo*, no *Rivale*, entre outros. Além de comunicador, começou a se interessar por política em 1972, e foi compor o partido da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Após, trabalhou na administração de Durval Barbosa, Joseph Bandeira, quando foi secretário de Comunicação Social.

Durante a pesquisa foram identificados trajetórias de comunicadores, como José Raimundo Neves, animador de programas radiofônicos, como “*Atendendo ao Ouvinte*”, transmitido diariamente no final da tarde, na Rádio Juazeiro, fundada na década de 1950. O programa era produzido com Ronaldo Lopes e veiculava músicas românticas solicitadas pelos ouvintes.

Além desses profissionais, há ainda outros comunicadores que influenciaram a formação de radialistas. Uma das pessoas influentes é a professora Martha Luz, que foi produtora, locutora do programa “*E nós para onde vamos?*” de crônicas radiofônicas na Rádio Juazeiro. De propriedade dos irmãos Margarida Benevides e Osvaldo Benevides, veicula programas jornalísticos e de natureza extensionistas e científica como o Mensageiro Rural, há 20 anos no ar. Registra-se ainda a existência de outras rádios



como Valle FM, depois integrada ao sistema da Rede Bahia, e hoje se chama Tropical Sat; Rádio Cidade (AM), entre outras.

Na década de 1990, foi implantada a TV São Francisco, afiliada da Rede Bahia e Rede Globo, que marca o início da profissionalização e traz novos paradigmas para o exercício do jornalismo, ao divulgar a informação de natureza telejornalística. A chegada da emissora de televisão, a formação de equipes locais de repórteres televisivos e o aperfeiçoamento dos programas de rádio trazem mudanças significativas ao interromper o predomínio do impresso e instalar também um novo fluxo de comunicação na cidade, os quais precisam ser analisados em estudos futuros.

Considerações Finais

A pesquisa sobre os órgãos de comunicação na imprensa juazeirense é de fundamental importância, porque há necessidade de haver estudos que possam estabelecer elementos comparativos sobre os processos comunicativos e a evolução da prática jornalística. No decorrer desta pesquisa, pode-se comprovar que esta imprensa vivenciou algumas fases: artesanal, quando era feita por tipógrafos e com tecnologia ainda rudimentar; teve a transição do alto-falante, em circulação nos anos 40, para o rádio, implantado nas décadas de 50; nos anos 1970, ocorre uma transição para a modernização com a profissionalização dos impressos, que ainda hoje circulam como o *Diário da Região*, até a chegada da televisão na década de 1990.

Neste período, deve-se registrar ainda a imprensa de natureza religiosa como a mantida pela Diocese, a comunicação comunitária com os Comunicadores Populares, e experiências alternativas como o *Berro D'Água*. Estes veículos representam modelos, em determinados momentos, que marcam a transição da imprensa artesanal a moderna imprensa, estruturada a partir de novas técnicas de impressão, novas tecnologias e novas linguagens, assim como com novos parâmetros para o exercício da profissão.

A pesquisa também documentou que existe uma relação muito intrínseca entre jornalismo e cultura, pois alguns dos comunicadores vão se utilizar dos meios para divulgar artistas vinculados à indústria cultural. Também se identificou a relação com a política, pois alguns comunicadores vão se candidatar para cargos eletivos, conquistando uma representação na Câmara dos Vereadores, e também vão trabalhar em órgãos públicos.



Deve-se registrar ainda que, apesar da pesquisa ter documentando a presença desses profissionais, ainda há muito a ser analisado, sobretudo na análise de conteúdo do material, o que pode ampliar consideravelmente este acervo e trazer novos dados ao estudo.

Juazeiro, 10 de maio de 2011.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adzamara; SANTANA, Daniel. SANTOS, Andréa Cristiana. **Apontamentos sobre a história do jornalismo regional: estudo de caso sobre O Juazeiro**. Texto apresentado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho de 2010.

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil**. Metodologia. Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 05 de maio de 2009.

CAVALCANTI, Nomeriana; CÔRREA, Jean Carlos. **O Pharol - Tempo, Imagem e Memória**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Produto Midiático (CD-Rom), Juazeiro-Bahia, 10 de junho de 2008.

CASTRO, Lidmillie; SÁ, Verusa; SANTOS, Andrea Cristiana. **Restrição à Liberdade de Imprensa em Juazeiro**. Texto publicados nos anos Anais do VI Encontro de Historia da Mídia, em São Luis do Maranhão, 2005.

CUNHA, João Fernandes. **Memória Histórica de Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. Autor. Juazeiro-Ba. 1978.

DIAS, Wilson. **História da Imprensa em Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. do autor. 1982.

DOURADO, Walter. **Juazeiro da Bahia à luz da história**. Vol II. Juazeiro/ BA. Edição do autor. 1985.

DUARTE, Jorge de Souza. **Juazeiro: nos caminhos da história**. Juazeiro-Ba. Edição do autor. 1985.

DOURADO Walter de Castro. **Juazeiro da Bahia à Luz da História**. Imprensa Rocha. Studio Domingues, Juazeiro - Bahia, 1986.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**: São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-153.

RIBEIRO, Edson. **Juazeiro: na esteira do tempo**. 2º edição. Juazeiro-Ba: Câmara Municipal de Juazeiro. 2005.

SANTOS, José Weliton Aragão. **Formação da Grande Imprensa na Bahia**. Salvador, 1985. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal da Bahia.

SODRE, Nelson Werneck. **Historia da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.